

DESAFIOS AO VIVER UMA VIDA SIMBÓLICA: O PROCESSO DE COMUNICAÇÃO ARQUETÍPICA NA EXPERIÊNCIA PESSOAL.

Guilherme Santos Rocha*
Lahiri Lourenço Argollo**

RESUMO

Este trabalho debate questões referentes a viver uma vida simbólica à luz da Psicologia analítica, especificamente, em relação a rotina do homem moderno de não se ater aos símbolos que estão subjacentes as experiências arquetípicas., haja visto a existência de um grande sofrimento por parte de quem os ignora. O estudo foi resultado de um semestre com aulas teóricas e práticas da Psicologia Junguiana do curso de Psicologia da faculdade de Ilhéus (CESUPI). Para a coleta de dados, foram utilizados como instrumento o levantamento de dados e a análise do referencial bibliográfico publicado acerca do tema. Contextualiza-se a respeito das experiências simbólicas, tendo em vista o seu papel social e sua alta demanda, que consequentemente traz consigo um amplo campo de tratamento terapêutico. A análise final aponta para a manutenção e observação da vida de uma forma simbólica, condizente com o Self do indivíduo, como uma solução viável para a mudanças no psiquismo, pois à medida em que se integra um processo de compreensão dos símbolos mais adequado e pertinente, se consegue resolver problemas de forma mais abrangente e eficaz, vivendo de forma simbólica.

Palavras-chave: Psicologia; Junguiana; Viver; Simbólico.

ABSTRACT

This work discusses issues relating to living a symbolic life in the light of analytical Psychology, specifically, in relation to modern man's routine of not sticking to the symbols that underlie archetypal experiences, given the existence of great suffering on the part of who ignores them. The study was the result of a semester of theoretical and practical classes in Jungian Psychology on the Psychology course at the Faculty of Ilhéus (CESUPI). For data collection, data collection and analysis of the bibliographical references published on the topic were used as instruments. It is contextualized regarding symbolic experiences, considering their social role and their high demand, which consequently brings with it a broad field of therapeutic treatment. The final analysis points to the maintenance and observation of life in a symbolic way, consistent with the individual's Self, as a viable solution for changes in the psyche, as the process of understanding symbols is integrated into a more appropriate and pertinent process. , you can solve problems in a more comprehensive and effective way, living symbolically.

Keywords: Psychology; Jungian; To live; Symbolic.

*Graduando em Psicologia pela Faculdade de Ilhéus-BA. E-mail para contato: guilherme.rocha5de@gmail.com.

** Psicólogo Clínico pela Faculdade de Ilhéus, pós-graduando em Psicoterapia Junguiana pela Psiquê – Centro de Estudos de Psicologia Analítica, Mestre em Inovação Tecnológica pelo PROFNIT-UESC. E-mail para contato: largollo@yahoo.com.br.

1. INTRODUÇÃO

Dentre todos os animais que existiram na planta terra, o ser humano é o único que desenvolveu a consciência auto reflexiva, isto é, se comunicar através de mensagens complexas e organizadas, podendo nos reconhecer e reconhecer o mundo ao qual estamos cercados. Esse estado de consciência dissociou os indivíduos da imersão na inconsciência da natureza em que vivem os outros animais, possibilitando um afastamento psíquico e cognitivo do fluxo instintivo natural (Mattos, 2016).

Esse afastamento psíquico não quer dizer, necessariamente, que houve alguma descontinuidade entre os animais e nós, mas que uma maneira diferente de reconhecer e experienciar o fluxo natural e instintivo no próprio indivíduo foi despertada. A forma como se experiencia um fenômeno, produz imagens e símbolos que são carregados e imbuídos de significados dos quais contém demasiada energia psíquica (Jung, 1988).

Palhares (2016), comenta que o símbolo é a melhor expressão possível para algo desconhecido, oculto, inconsciente, promovendo a ligação do arquétipo com sua própria representação, expressando-se por analogias. Este ato simbólico faz com que a vida psíquica se transforme e redirecione a energia instintiva que transcende a consciência, dando assim, sentido à vida

No processo de desenvolvimento da consciência e apropriação do mundo externo, os instintos passaram a não exercer total controle sobre as pessoas – como ocorre com os outros animais – transformando-se em padrões psíquicos denominados por Jung de arquétipos (Jung, 1988).

Como os arquétipos não podem ser observados diretamente, pois sua natureza é instintiva, sua expressão é reconhecida pelas imagens simbólicas que lhe foram associadas desde os primórdios da espécie humana consciente. Assim, o conteúdo arquetípico será representado por símbolos que se apresentam à consciência e impõe sua força emocional (Jung, 1991).

Por tal característica dos símbolos se relacionar diretamente com a vida do indivíduo e o autor ter um grande interesse na área, foi possível elaborar esse estudo. A pesquisa, primeiro, prosseguiu de pesquisas em artigos científicos, consultando o material escrito na área acerca do tema, com o intuito de averiguar as informações e os dados obtidos pelos pesquisadores anteriores, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar, além de suas completudes a serem analisadas.

O artigo age com o objetivo de correlacionar, à luz da psicologia Junguiana, a forma de viver do homem moderno como possível causa dessa dificuldade atual em viver as experiências simbólicas, e a integração com as demandas dos Self como uma possível solução, haja visto que é a partir da completude com sua sombra que se consegue viver de fato uma vida simbólica.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O presente estudo se insere na temática sobre experiências simbólicas à luz da psicologia analítica, apresentando dados acerca desse tópico e entendendo a prática de viver uma vida através da compreensão dos símbolos. A pesquisa também busca comentar a respeito das experiências arquetípicas que são vivenciados no cotidiano, posto que as pessoas, geralmente, não buscam assimilar os motivos subjacentes ao símbolo da experiência consumada. Como último tópico, investigou-se a possibilidade de entender os fenômenos rotineiros sob uma nova perspectiva, dando ênfase a possibilidade de conseguir auxílio do seu próprio agente organizador inconsciente (Self), identificando os benefícios do entendimento da vida habitual através do seu simbolismo.

2.1 SÍMBOLOS PARA PSICOLOGIA JUNGUIANA

Podemos dizer que a obra de Carl Gustav Jung (1961), tem como um dos seus principais conceitos a “símbolo”. Segundo interpela em sua teoria, os símbolos são mais densos e complicados do que meros signos ou sinais criados conscientemente pelos indivíduos para emitir mensagens ou informações desejadas (Jung, 1986).

Na perspectiva Junguiana, os símbolos se tornam o resultado da produção espontânea do inconsciente, sendo que a sua função primária é permitir que a energia psíquica flua pelos canais adequados, tendo assim uma vida psíquica mais saudável e harmoniosa. Logo, Jung define o símbolo como: “um conceito, uma figura ou um nome que podemos ter conhecimento, mas cujo conteúdo ou serventia são específicos ou estranhos, indicando um sentido oculto, obscuro e desconhecido” (Jung, 2013, p. 201).

De acordo com a psicologia analítica, da qual Jung é criador, o inconsciente possui uma amplitude muito maior que a consciência, sendo o ego apenas uma pequena parte da psique. Ele entende que a psique é constituída por elementos inconscientes originados de várias fontes, inicialmente do indivíduo até esferas mais coletivas e impersonais, pois o indivíduo está inserido em uma família, que faz parte de uma cultura ou etnia, que por sua

vez é da espécie humana. Assim, os elementos de experiências inconscientes do indivíduo, apenas, formam o inconsciente pessoal; os elementos inconscientes comuns a todos os indivíduos da espécie humana, o inconsciente coletivo (Jung, 2000).

Jung (2000), comenta que podemos encontrar manifestações do inconsciente coletivo em mitos, isto é, narrativas comuns ou sagradas que são reproduzidas por todos os povos e é organizado em símbolos e modelos arquetípos. Os mitos representam um tipo de arquétipo. Assim, os símbolos se expressam (no inconsciente pessoal) por meio dos sonhos ou acontecimentos externos, nos quais emergem, frequentemente, conteúdo do inconsciente coletivo.

Desta forma, a vida simbólica é formada por símbolos, e esses por sua vez integram os mitos, os sonhos e os ritos, criando a forma de uma experiência da qual o indivíduo viveu ou ainda viverá. Portanto, a linguagem simbólica faz parte da essência humana e está presente no cotidiano da vida material, representando uma forma de harmonização com o meio onde se vive e interagi de uma forma única e peculiar, não sendo submetida aos ditames da razão ou da consciência, se tornando, portanto, autônoma (Palhares, 2016).

2.2 HOMEM MODERNO E OS SÍMBOLOS

Segundo Eliade (2010), o conceito de vida simbólica subjaz e se diferencia em duas formas de ser no mundo: O homo religiosus que vive no mito, portanto tem uma vida simbólica mais ativa, e o homem moderno, por sua vez, que não tem muito conhecimento sobre os mitos e experiências simbólicas, evidenciando uma pobreza na vida simbólica. Assim, torna-se notório que um tem a vida simbólica mais rica que o outro.

E aqui, é importante criar um adendo ao termo ‘homo religiosus’, do qual não condiz ao estereótipo atual de religiosidade, mas sim a compreensão em campo multidimensional, onde há uma ligação entre os pontos percebidos pela pessoa e a uma cosmovisão que aponte para um sentido encoberto por trás das sequências dos fatos naturais. Neste aspecto, Frankl (1992), traz que esse tipo de raciocínio não é uma maneira de pensar da qual se subtraiu a realidade, mas uma maneira de pensar à qual se acresceu a forma de existir de um pensador.

O homem moderno não possui esses meios de harmonização entre o mundo religioso, isto é, mundo psíquico, e o mundo externo, material. Para os pesquisadores e estudiosos dos mitos, tais como Jung (2006), Campbell (2007) e Eliade (2010), o homem moderno vive em uma profunda crise, cujos reflexos aparecem claramente no campo individual, com as

doenças psíquicas; e no campo social, com sociedades que provocam neuroses e são, evidentemente, carentes de significado, ou seja, da vidasimbólica.

Tal percepção do sofrimento relacionados a sociedade do homem moderno é uma resposta ao discurso que a considera ‘evoluída’, ao passo em que as chamadas sociedades tribais seriam ‘primitivas’. O homem moderno acredita que graças ao desenvolvimento da razão, o estágio da plena autoconsciência e da ciência deixou de seringênuo, dispensado da necessidade de acreditar em algo que evada da consciência, enquanto, o homem primitivo ainda vive em suas credices, nos mitos e na experiência simbólica (Neto, 2008).

Um favorável exemplo desta ambivalência entre esses dois modelos de sociedade é ao se estudar sobre o sofrimento humano, que segundo Jung (2006), apenas a formação psiquiátrica não é suficiente, pois é inexecutável tratar uma psicose, por exemplo, sem compreender a sua simbologia subjacente. Ele teve então que estudar Mitologia. E ainda afirma, “Uma simples formação médica não é suficiente, porquantomo horizonte da alma humana vai muito além do gabinete de consulta” (Jung, 2006, p.163).

Os símbolos e imagens que aparecem num estado de transtorno psicológico são efetivamente importantes para o processo terapêutico, visto que é por meio deles que o paciente encontrará as suas formas de lidar com a demanda. Não há um padrão de imagens e símbolos para cada transtorno ou doença, cada pessoa manifestará seussintomas de uma forma diferente, fato que torna a psicoterapia necessária nesse tratamento, já que o modelo médico não focará a parte simbólica da psique, como a Psicologia Analítica propõe (Junior, 2012).

Portanto, homem moderno necessita ter mais contato com a vida psíquica e simbólica, haja vista que ele suporte as vicissitudes da vida, pois o entendimentosimbólico das suas experiências permite que a vida tenha significado e tira, por exemplo, o sentimento de insignificância que o homem moderno possui. Esse sentimento só é possível de ser vivenciado sozinho, entendendo o seu próprio caminho psíquico da individuação (Palhares, 2016).

De acordo com Jung, o homem precisa conhecer toda essa horrível dúvida, todo o desespero e confusão da alma, pois ele só está ligado às imagensque ele mesmo cria, e não a algo externo como partidos e credos. “Toda convicção da minha vida agora repousa na crença de que a solidão, longe de ser um fenômeno raro e curioso, é o fato central e inevitável da existência humana” (Jung, 1986, p.370).

2.3 VIVER UMA VIDA SIMBÓLICA

Mas afinal, qual é o ponto de partida? Como se podem aproveitar outras experiências de trilhas anteriores? Para onde esse símbolo deseja ir? Qual é a finalidade consciente e inconsciente ao viver uma vida simbólica? O que este caminho quer contar? Quais são os passos para sermos despertados pelo universo simbólico? Quando o psiquismo explora um símbolo, segundo Jung (2006), as idéias são conduzidas fora do alcance da razão. É preciso inovar e criar para poder transformar e aprimorar.

Segundo Jung (1991), o símbolo é a melhor expressão inconsciente têm para o desconhecido, pois ele pode ser representado por imagens, experiências e vivências que incluem aspectos conscientes e inconscientes, isto é, desconhecidas da consciência. Como tal, o símbolo participa e existe sob a forma vivencial e experiencial, sendo impossível de ter seu significado esgotado ou determinado, possibilitando estabelecer múltiplas relações e analogias. Se um símbolo perde seu caráter “mágico”, isto é, de atrair a atenção psíquica, pode-se dizer que não é mais um símbolo.

Também é importante eludir que a utilização excessiva do símbolo tende a reduzi-lo a indicador de um conceito ou de uma realidade material e este indicador não opera mais como símbolo e sim como signo. Ou seja, a degradação do símbolo implica em um empobrecimento da psique do indivíduo, pois reduz a energia do símbolo no significado do signo. Deste modo, a riqueza simbólica é reduzida a uma representação unívoca e racional. Se algo é ou não símbolo, vai depender do ponto de vista e da atitude do indivíduo que contempla (Jung, 1991).

Devido a essa concepção ampliada de um psiquismo global, Jung inclui uma esfera coletiva e transcendente da qual ocorrem mudanças no que estendemos sobre a concepção de consciência. É preciso saber que a existência da consciência (EGO) equivale à consciência no sentido do senso comum e da terminologia tradicional; porém e, entretanto, existe uma consciência ampliada (SELF), relativa à totalidade dos processos inconscientes e arquetípicos (Jung, 2006).

Isso ocorre porque o Self possui uma autonomia em relação ao ego, se relacionando como um agente organizador da psique, fazendo com certas associações simbólicas nem alcançam a consciência, ego. Essa forma de agir, dá ao Self certo poder de estruturar imagens e comportamentos, os arquétipos, relativos a determinadas situações típicas e que funcionam como uma espécie de sabedoria instintiva e automática (Whitmont, 1991).

Assim, imagens, comportamentos, palavras ou experiências podem ser simbólicas, na medida em que o Self implica algo além do seu significado manifesto e imediato, apresentando um aspecto inconsciente mais amplo, através de símbolos. Por isso que Whitmont, comenta que o símbolo por detrás da experiência é criativo e têm uma função de equilíbrio da psique como um todo, unificando os opostos. “Não se pode prever qual mito está para surgir, assim como não pode prever o que irá sonhar esta noite” (Whitmont, 1991, p.91).

Mitos e sonhos vêm da mesma expressão inconsciente, que agem a partir de breves tomadas de consciência numa espécie forma simbólica e está relacionado ao amadurecimento do indivíduo, da dependência à idade adulta, depois à maturidade e depois à morte. Assim, ao seguir o caminho simbólico não é possível se definir o percurso, mas sim a trilha da qual será construída (Campbell, 2007).

Vivenciar de forma simbólica o mito pessoal, maior mito de todos, é uma metáfora da potencialidade espiritual do ser humano, visto que dá ao indivíduo um discernimento do que o Self deseja, por meio do universo simbólico para o desenvolvimento psíquico (Jung, 2006).

Segundo Campbell (2007), nós somos tomados pelos mitos, somos capturados pelos mitos, ou seja, talvez deixarmos entrar em contato com algum símbolo ou vivência simbólica que pode surgir por meio de uma idéia, imagem ou sonho. Cada indivíduo deve encontrar um aspecto do mito que se relacione com sua própria vida. Ele concluiu aludindo que o processo de viver uma vida simbólica contempla o caminho da individuação, como um chamado anímico, podendo funcionar como uma chave despertadora para este processo.

3. RELATO DE EXPERIÊNCIA

É notório a riqueza de poder participar da matéria de psicologia analítica 1, da qual traz a possibilidade de se ter uma séria indiscutível de oportunidades para desenvolver a escuta qualificada, observação imparcial e postura profissional. Além das demais qualidades que se somam a esta experiência, ainda há a oportunidade de uma melhor aproximação da teoria Junguiana.

As experiências vivenciadas aula após aula possibilita ao acadêmico de Psicologia o desenvolvimento de distintas habilidades e competências necessárias à sua formação. Esse contexto estimula o aprimoramento da autonomia, responsabilidade, compromisso, domínio prático e teórico da abordagem, assim como o aprofundamento e contextualização dos conhecimentos, avocando uma práxis transformadora e muito enriquecedora (Peres, Santos e

Coelho, 2013).

A parceria do professor docente e acadêmico nas salas de aula foram muito enriquecedoras, uma vez que oportuniza ao aluno o contato de experientes nas diferentes áreas de atuação da psicologia. Ao observar as atitudes e posturas tomadas pelo orientador, o referido aluno conseguiu refletir e relacionar os conhecimentos aplicáveis às situações vivenciadas.

Com base nas vivências elaboradas entre as aulas, notou-se diversas situações reais, das quais motivaram o autor a amadurecer a pesquisa sobre a vida simbólica, haja vista uma experiência pessoal onde ele estava em uma situação complicada e de mistério, do qual não sabia muito bem qual caminho tomar. Com a alusão da abordagem conhecimento adquirido, o autor conseguiu identificar um símbolo subjacente àquela experiência da qual ele estava vivendo. Ao compreender que se tratava de um símbolo, ele ruminou e se levou a pensar no que a situação (símbolo) o queria dizer. Ao decorrer do problema, ele conseguiu se perceber vivendo o símbolo, unificando a vida com os chamados do self. É preciso inovar e criar para poder transformar e aprimorar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse estudo foi possível identificar a forma como o símbolo se apresenta na vida do indivíduo, uma vez que os princípios que norteiam esse processo parecem mais adequados à demanda cotidiana.

Chama-se atenção também às contribuições do estudo para os aspectos formativos do estudante de psicologia, visto que além de propiciar a prática do psicólogo clínico, subsidiou a atuação por meio da articulação de conhecimentos teóricos e metodológicos, lançando luz inclusive sobre o desenvolvimento do psicólogo pessoa que também está vivendo de forma simbólica.

Uma melhor descrição da vida simbólica a partir da abordagem Junguiana apresenta-se como desejável para estudos futuros. O intuito, ao realizar tal pesquisa é enriquecer a análise do conhecimento e aumentam a compreensão de variáveis das quais os comportamentos podem interagir.

REFERÊNCIAS

- CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 2007. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5244900/mod_resource/content/1/O%20Poder%20do%20Mito%20-%20Joseph%20Campbell%20%281%29.pdf. Acesso em: 05 Dez. 2023.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: MartinsFontes, 2010. Disponível em: <https://gepai.yolasite.com/resources/O%20Sagrado%20E%20O%20Profano%20%20Mircea%20Eliade.pdf>. Acesso em: 05 Dez. 2023.
- FRANKL, Viktor. **A presença ignorada de Deus**. Tradução Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1992. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/12380>. Acesso em: 08 Dez. 2023.
- JUNG, C. G. (2006). **Memórias, sonhos, reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Disponível em: https://psicologadrumond.files.wordpress.com/2013/08/carl-jung_memc3b3rias-sonhos-reflexc3b5es.pdf. Acesso em 08 Dez. 2023.
- JUNG, C. G. (1986). **Símbolos da transformação**. Petrópolis: Vozes. Disponível em: <https://www..com.br/S%C3%ADmbolos-transforma%C3%A7%C3%A3o-Obras-completas-Gustav-ebook/dp/B07DV2KDP6>. Acesso em 08 Dez. 2023.
- JUNG, C. G. (1991). **Tipos Psicológicos**. Petrópolis: Vozes. (Originalmente publicado em 1949). Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=2877317&pid=S1809-6867201000010001000017&lng=pt. Acesso em: 08 Dez. 2023.
- JUNIOR, F. P. (2012). **O simbolismo da depressão na perspectiva junguiana**. *Psicologia argumento.*, v.30, n.71, p. 613-620, Curitiba. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/19791/19099>. Acesso em: 08 Dez. 2023.
- WHITMONT, E. (1991). **A Busca do símbolo: conceitos básicos de psicologia analítica**. São Paulo: Cultrix: Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=2877317&pid=S1809-6867201000010001000017&lng=pt. Acesso em: 08 Dez. 2023.
- JUNG, Carl Gustav. **A vida simbólica** 18/1. 7. Petrópolis: Editora Vozes, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=2877317&pid=S1809-6867201000010001000017&lng=pt. Acesso em: 08 Dez. 2023.
- JUNG. C. G. (2000). **Arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes. (Originalmentepublicado em 1951). Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=2877317&pid=S1809-6867201000010001000017&lng=pt. Acesso em: 08 Dez. 2023.
- JUNG, C. G. (1988). **Psicologia da religião ocidental e oriental**. Petrópolis, RJ: Vozes.

Disponível em:

https://www.academia.edu/28032214/Psicologia_da_religi%C3%A3o_ocidental_e_oriental_C_G_Jung. Acesso em: 08 Dez. 2023

MATTOS, S. M. (2016). **Simbolismo do herói - uma abordagem sobre a Ciência do Imaginário**. Curitiba, PR: CRV.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=2877317&pid=S1809-6867201000010001000017&lng=pt. Acesso em: 08 Dez. 2023.

PALHARES, N. G (2016). **Sobre o sentido da alma**; São Paulo.

[file:///C:/Users/Guilherme/Downloads/intellectusagens,+47-55+n2%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Guilherme/Downloads/intellectusagens,+47-55+n2%20(2).pdf). Acesso em: 08 Dez. 2023.

PERES, S.R.; SANTOS, M.A. & COELHO, H.M.D. (2013). **Atendimento psicológico a estudantes universitários: Considerações acerca de uma experiência em clínica-escola**. *Estudos de Psicologia*, 20(3), 45-57. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/CKGKvP4tkpFdCvk57XPSKRF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 08 Dez. 2023.